

VINA JACKSON

80 DIAS
A COR
DO DESEJO

Tradução de Carla Melo

5 SENTIDOS

1

Uma rapariga e o seu violino

A culpa é de Vivaldi.

Para ser mais precisa, do meu CD *As Quatro Estações*, que agora está virado ao contrário em cima da mesa de cabeceira, ao lado do corpo do meu namorado que ressona ligeiramente.

A discussão começou quando o Darren chegou às três da manhã, depois de uma viagem de negócios, e me encontrou deitada no soalho da sala de estar, nua, com o concerto a tocar tão alto quanto a aparelhagem de som *surround* permitia. Bem alto.

O movimento *presto* de *Verão*, o *Concerto n.º 2 em sol menor*, estava prestes a alcançar o seu ponto culminante quando o Darren abriu a porta.

Só reparei que ele tinha voltado quando senti a sola do seu sapato apoiada no meu ombro direito a abanar-me para trás e para a frente. Abri os olhos e vi-o debruçado sobre mim. Foi então que me apercebi de que tinha acendido as luzes e que o CD tinha emudecido abruptamente.

– Mas que porra estás tu a fazer? – perguntou-me.

– A ouvir música – respondi numa voz sumida.

– Isso sei eu! Ouvia-se da rua! – gritou.

Ele tinha estado em Los Angeles e parecia impressionantemente fresco para alguém que tinha chegado de um voo de longo curso. Ainda trazia parte do fato vestido, uma camisa branca, um cinto de cabedal e umas calças azul-escuras às riscas muito finas, com o casaco a condizer pendurado num braço. Segurava com força a mala de viagem. Era óbvio que tinha estado a chover, embora eu não tivesse dado por isso por causa da

música. A mala estava molhada e por ela escorriam linhas de água que formavam poças no chão ao lado da minha coxa. O Darren também tinha a parte de baixo das calças ensopadas, pois o guarda-chuva não as protegia, e o tecido colava-se-lhe às pernas.

Virei a cabeça e vislumbrei dois centímetros da perna dele húmida. Tinha um cheiro almiscarado, uma mescla de suor, chuva, graxa e couro. Algumas gotas caíram-lhe do sapato para o meu braço.

Vivaldi sempre teve um efeito muito especial em mim e nem a hora nem a irritação na cara do Darren me esfriaram a sensação que invadiu subitamente o meu corpo, que fazia ferver o sangue nas minhas veias de uma forma muito semelhante à da música.

Virei-me, continuando com o sapato dele levemente encostado ao meu braço direito e percorri-lhe a perna das calças com a mão esquerda.

Ele deu de imediato um passo atrás, como se o tivesse queimado, e abanou a cabeça.

– Meu Deus, Summer...

Afastou a mala para junto da parede, ao lado da aparelhagem, tirou *As Quatro Estações* do leitor e depois foi para o quarto. Ponderei levantar-me e segui-lo, mas decidi não o fazer. Assim, nua, nunca poderia vencer uma discussão com o Darren. Esperava poder apaziguar-lhe a raiva, limitando-me a ficar ali deitada, menos visível, desejando que o meu corpo sem roupa, deitado, se confundisse com a madeira do chão.

Ouvi o guarda-fatos a abrir-se e o som familiar dos cabides a abanar, enquanto ele pendurava o casaco. Estávamos juntos há seis meses e nunca o tinha visto a atirar o casaco para as costas de uma cadeira ou de um sofá, como uma pessoa normal faria. Pendurava o casaco e guardava-o no armário; depois sentava-se para se descalçar, tirava os botões de punho, desabotava a camisa e metia-a logo no cesto da roupa suja, após o que tirava o cinto e o pendurava no varão do guarda-fatos, ao lado de meia dúzia de outros cintos de vários tons sóbrios de azul-escuro, preto e castanho. Usava *boxers* curtos e justos, os meus preferidos, de algodão com elastano e um cós largo. Eu gostava da forma como os *boxers* o envolviam, ficando-lhe justos de uma forma provocante, ainda que, para minha eterna desilusão, ele se tapasse sempre com um roupão e nunca andasse pelo apartamento só em roupa interior. A nudez ofendia-o.

Tínhamo-nos conhecido no verão, num recital. Era uma ocasião muito importante para mim; um dos violinistas contratados tinha adoecido e eu fora chamada à última da hora para tocar com a orquestra uma composição de Arvo Pärt, que eu detestava. Parecia-me irregular e monótona, mas por um lugar numa orquestra clássica num palco a sério, ainda que sem importância, eu até teria tocado uma música do Justin Bieber e conseguido parecer que estava a gostar. O Darren estava entre o público e ficou entusiasmado. Tinha um fraco por ruivas e, mais tarde, disse-me que não conseguira ver-me a cara por causa do ângulo do palco, mas que tinha visto muito bem o alto da minha cabeça. Disse-me que o meu cabelo brilhava no palco como se eu estivesse em chamas. Ele comprara uma garrafa de champanhe e um balde de gelo e servira-se dos seus contactos entre os organizadores do concerto para ir ter comigo aos bastidores.

Eu não gosto de champanhe, mas bebi-o de qualquer modo, porque Darren era alto, atraente e a coisa mais parecida com um fã a sério que eu alguma vez tivera.

Perguntei-lhe o que teria feito caso me faltassem os dentes da frente ou se não correspondesse por outra razão qualquer aos seus gostos, e ele respondeu-me que teria tentado a sorte com a percussionista, que não era ruiva mas não deixava de ser atraente.

Umas horas depois, eu estava bêbada e deitada no quarto dele em Ealing, a perguntar-me como diabo tinha acabado na cama de um homem que antes de se pôr em cima de mim pendurava o casaco e colocava cuidadosamente os sapatos um ao lado do outro. Contudo, ele tinha um pau e tanto... e um bom apartamento e, apesar de ter ficado a saber que ele detestava toda a música que eu adorava, passámos juntos a maior parte dos fins de semana dos meses seguintes. Infelizmente, no meu entender, não passávamos tempo suficiente na cama, desperdiçando-o em eventos culturais pedantes que eu não apreciava e que me parecia que o Darren não compreendia.

Os homens que me viam tocar em locais dedicados à música clássica e não em bares e estações de metro tendiam a cometer o erro do Darren, julgando que eu possuía todas as características que associavam a uma violinista clássica. Ou seja, bem-educada, respeitável, culta, sofisticada, feminina e graciosa, com um guarda-fatos cheio de vestidos simples e

elegantes para usar em palco, sem que nenhum fosse vulgar ou demasiado decotado. Deveria usar sapatos com salto não muito alto e não ter noção do efeito que os meus tornozelos finos poderiam provocar.

Na verdade, eu só tinha um vestido formal, preto e comprido, para usar em concertos, que comprara por dez libras numa loja de Brick Lane e que depois uma costureira modificara. Era de veludo, com o decote subido à frente e bastante decotado nas costas, mas estava na lavandaria na noite em que o conheci, pelo que tinha usado o meu cartão de crédito para comprar um vestido justo nos Armazéns Selfridges e enfiara as etiquetas na roupa interior. Felizmente, o Darren era um amante cuidadoso e não tinha deixado manchas em mim ou no vestido e, assim, pude devolvê-lo no dia seguinte.

Eu tinha o meu apartamento em Whitechapel, onde passava as noites durante a semana. Era mais um estúdio do que um apartamento, com uma cama de solteiro relativamente espaçosa, um varão de pé que servia de guarda-fatos, um lava-loiça, um frigorífico e um fogão diminutos. A casa de banho, partilhada com outras quatro pessoas, ficava ao fundo do corredor do patamar; de vez em quando cruzava-me com elas, embora costumassem ser reservadas.

Apesar da localização e do estado decrépito do prédio, nunca poderia ter suportado o custo da renda se não tivesse chegado a acordo com o inquilino oficial, que conheci num bar certa noite depois de uma visita noturna ao Museu Britânico. Ele nunca explicou muito bem porque queria arrendar o quarto por menos do que pagava por ele, mas eu parti do princípio de que, por baixo das tábuas do chão, deveria haver algum cadáver ou um esconderijo cheio de pó branco, pelo que passei muitas noites acordada à espera de ouvir os passos pesados de uma brigada da Polícia a correr pelas escadas do prédio.

O Darren nunca tinha ido ao meu apartamento, em parte porque eu tinha a impressão de que ele não poria lá os pés a menos que todo o edifício fosse submetido a uma limpeza profunda e, por outro lado, porque eu gostava de ter uma parte da minha vida que me pertencesse por completo. Presumo que, lá bem no fundo, eu sabia que era pouco provável que a nossa relação durasse e não queria ter de lidar com um amante abandonado a atirar-me pedras à janela a altas horas da noite.

Ele tinha sugerido, mais do que uma vez, que eu fosse morar com ele e poupasse o dinheiro da renda para poder investir num violino melhor,

ou em mais aulas, mas recusei sempre. Detesto viver com outras pessoas, sobretudo se forem meus namorados, e preferiria ganhar a vida fazendo uns biscates na esquina do que viver à custa de um namorado.

Ouvi o som suave da caixa dos botões de punho a fechar-se, cerrei os olhos e juntei as pernas na tentativa de me tornar invisível.

Ele regressou à sala de estar e passou por mim para ir até à cozinha. Ouvi a água do lava-loiça a correr, o silvo ligeiro do gás do fogão e, uns minutos depois, o rumorejar da chaleira. Ele tinha uma daquelas chaleiras de ar moderno mas que funcionava como as antigas, sendo necessário pô-la ao lume para aquecer. Eu não percebia porque não comprava simplesmente uma chaleira elétrica, mas ele dizia que a água assim sabia melhor e que um bom chá tinha de ser feito com todo o rigor. Eu não bebo chá. Só o cheiro me deixa maldisposta. Bebo café, mas o Darren recusava-se a preparar-me café depois das sete da tarde, pois mantinha-me desperta e ele dizia que a minha inquietação noturna o impedia de dormir.

Descontraí-me deitada no chão e fingi que estava noutro lugar, controlando a respiração num esforço de concentração para ficar absolutamente imóvel, como um cadáver.

– Não sou capaz de falar contigo quando estás assim, Summer.

A voz dele flutuava, vinda da cozinha, sem corpo. Era uma das coisas que mais me agradavam nele, o tom grave do seu sotaque de menino educado numa escola privada, por vezes doce e calorosa, noutras alturas fria e severa. Senti um calor repentino entre as coxas e apertei as pernas com toda a força que tinha, pensando na forma como o Darren tinha colocado uma toalha sobre o soalho na única vez que tínhamos tido relações no chão da sala de estar. Ele não suportava a desordem.

– Assim como? – repliquei sem abrir os olhos.

– Assim! Nua e esparramada no chão como uma maluca! Levanta-te e veste qualquer coisa, porra!

Ele bebeu o que restava do chá e, ao ouvir os seus goles delicados, imaginei como seria se estivesse ajoelhado com a boca entre as minhas pernas. A ideia fez-me corar.

O Darren não costumava fazer sexo oral a menos que eu tivesse saído do duche menos de cinco minutos antes e, mesmo então, as suas lambidelas eram hesitantes e substituíam a língua pelo dedo assim que surgisse uma

oportunidade educada para o fazer. Preferia usar apenas um dedo e não reagira bem quando eu levava a minha mão até à dele e tentara guiar mais dois dedos para dentro de mim.

– Caramba, Summer – dissera ele –, vais chegar aos 30 toda escancarada se continuares assim.

Ele tinha ido à cozinha e lavara as mãos com detergente de loiça antes de voltar para a cama, virar-se de lado e adormecer de costas para mim, enquanto eu ficava acordada, a fitar o teto. Os sons vigorosos da água a chapinhar tinham-me dado a entender que se lavara até aos cotovelos, como um veterinário prestes a ajudar um bezerro a nascer ou um padre que fosse fazer um sacrifício.

Eu não voltara a encorajá-lo a tentar usar mais do que um dedo.

O Darren pousou a chávena no lava-loiça e passou por mim, dirigindo-se para o quarto. Esperei alguns instantes antes de me levantar do chão, envergonhada pela ideia de quão obscena lhe devia parecer, embora por aquela altura já tivesse sido completamente arrancada ao meu devaneio induzido por Vivaldi e estivesse a ficar com frio e dores nos membros.

– Vem para a cama, então, quando quiseres – gritou ele do quarto.

Ouvi-o despir-se e deitar-se, vesti a minha roupa interior e esperei que a sua respiração se tornasse mais profunda antes de me meter entre os lençóis a seu lado.

Tinha 4 anos quando ouvi *As Quatro Estações*, de Vivaldi pela primeira vez. A minha mãe e os meus irmãos tinham ido passar o fim de semana com a minha avó. Eu recusara-me a ir sem o meu pai, que tinha de ficar a trabalhar. Agarrei-me a ele e gritei, enquanto os meus pais tentavam enfiar-me no carro, até que cederam e me deixaram ficar.

O meu pai também me deixou faltar à creche e levou-me consigo para o emprego. Passei três dias gloriosos com uma liberdade quase absoluta na sua oficina, trepando a pilhas de pneus e inspirando cheiros de borracha, enquanto o via levantar os carros e deslizar para baixo deles, até ficar apenas com a cintura e as pernas à vista. Eu mantinha-me sempre por perto, pois morria de medo de que um dia o macaco falhasse e o carro caísse, cortando-o ao meio. Não sei se era arrogância ou tolice, mas, mesmo com aquela idade, eu achava que seria capaz de o salvar; que, com a quantidade certa de adrenalina, conseguiria segurar a carroceria do carro durante os segundos necessários para que ele escapasse.

Ao final do dia, entrávamos na carrinha e fazíamos o caminho mais longo até casa, com uma pausa para comermos um gelado, embora não costumassem deixar-me comer doces antes do jantar. O meu pai pedia sempre gelado de rum com passas, enquanto eu escolhia sempre um sabor diferente e, às vezes, dois sabores.

Certa noite, já tarde, eu não conseguia adormecer e, quando fui até à sala de estar, encontrei-o deitado de barriga para cima às escuras, parecendo adormecido, embora estivesse a respirar normalmente. Ele tinha levado para casa o gira-discos que costumava ter na garagem e eu ouvia a agulha a raspar ao de leve no disco que ia girando.

– Olá, filha – disse ele.

– O que estás a fazer? – perguntei-lhe.

– A ouvir música – respondeu, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Deitei-me ao lado dele e senti o calor do seu corpo perto do meu e o cheiro ténue a borracha nova misturada com desinfetante intenso. Fechei os olhos e permaneci imóvel, até que, pouco depois, o chão desapareceu e a única coisa que existia no mundo era eu, suspensa na escuridão, e o som de *As Quatro Estações*, de Vivaldi no gira-discos.

Desde então, pedia vezes sem conta ao meu pai que pusesse aquela gravação a tocar, talvez por acreditar que me tinham dado este nome por causa de um dos concertos, teoria que os meus pais nunca confirmaram.¹

O meu entusiasmo inicial foi tal que, no meu aniversário desse ano, o meu pai ofereceu-me um violino e arranjou forma de eu ter lições. Eu sempre fora uma criança bastante impaciente e independente, do género de criança que talvez não parecesse predisposta a ter aulas extra ou a aprender música, mas eu queria mesmo, mais do que qualquer outra coisa, saber tocar algo que me permitisse escapar, como tinha acontecido naquela noite em que escutara Vivaldi pela primeira vez. Por isso, desde o instante em que pus as pequenas mãos no arco e no instrumento, passei a praticar a toda a hora.

A minha mãe começou a recear que eu estivesse a ficar obcecada e quis tirar-me o violino durante algum tempo a fim de que eu prestasse mais atenção aos deveres escolares e fizesse alguns amigos, mas eu recusei

¹ A protagonista chama-se Summer, ou seja, «verão». (N. da T.)

terminantemente desistir do instrumento. Com um arco na mão, eu sentia que poderia levantar voo a qualquer momento. Sem ele, eu não era nada, apenas um corpo igual a qualquer outro, presa ao chão como uma pedra.

Depressa avancei pelos vários níveis básicos da música e, quando tinha 9 anos, já ultrapassara de longe as competências que a estupefacta professora da minha escola conseguia imaginar.

O meu pai arranjou-me mais lições, com um senhor holandês mais velho, Hendrik van der Vliet, que vivia a duas ruas de nós e raramente saía de casa. Era um homem alto, dolorosamente magro, que se movia de uma maneira estranha, como se fosse uma marioneta e como se a matéria que atravessava fosse mais espessa do que o ar, como um gafanhoto a nadar em mel. Quando agarrava o violino, o seu corpo tornava-se líquido. Observar os movimentos do seu braço era como ver as ondas do mar. A música fluía em redor e a partir dele como uma vaga.

Ao contrário de Mrs. Drummond, a professora de música da escola, que ficara chocada e desconfiada perante os meus progressos, Mr. van der Vliet parecia não se impressionar. Raramente falava e nunca sorria. Ainda que a população da vila onde vivia, Te Aroha, fosse pequena, poucas pessoas o conheciam e, tanto quanto eu sabia, ele não tinha mais alunos. O meu pai contou-me que ele tinha tocado na Orquestra Real do Concertgebouw, de Amsterdão, sob a direção de Bernard Haitink, e que abandonara a carreira musical e se mudara para a Nova Zelândia quando conhecera uma neozelandesa num dos seus concertos. Ela morreu num acidente de viação no dia em que eu nasci.

Tal como o Hendrik, o meu pai era um homem calado, mas interessava-se pelas pessoas e conhecia toda a gente de Te Aroha. De vez em quando, até os mais solitários tinham o azar de ficar com um pneu furado e, com a reputação que o meu pai tinha de aceitar fazer qualquer reparação, por mais pequena que fosse, o seu tempo livre era passado a fazer biscates para vários residentes, incluindo o Hendrik, que fora à sua oficina certo dia com um pneu da bicicleta furado e saíra com uma estudante de violino.

Eu sentia uma curiosa lealdade para com Mr. van der Vliet, como se fosse responsável, de alguma maneira, pela felicidade dele, já que eu nascera no mesmo dia em que a sua mulher falecera. Sentia-me obrigada a

agradar-lhe e, sob a sua orientação, ensaiava até ficar com dores nos braços e as pontas dos dedos em carne viva.

Na escola, eu não era nem popular nem marginalizada. As minhas notas eram consistentemente medianas e eu não sobressaía em nenhuma disciplina, exceto na música, área em que as minhas lições extracurriculares e aptidão natural me colocavam bem à frente dos meus colegas. Mrs. Drummond ignorava-me nas aulas, talvez por recear que a minha desevoltura deixasse os meus colegas com ciúmes ou os fizesse sentirem-se inferiores.

Todas as noites, eu ia até à nossa garagem e tocava violino ou ouvia discos, regra geral às escuras, viajando mentalmente pelo cânone clássico. Por vezes, o meu pai acompanhava-me. Raramente conversávamos, mas eu sempre me senti ligada a ele pela experiência partilhada de escutar música ou talvez pela estranheza que nos caracterizava a ambos.

Eu evitava festas e não era muito sociável. Em consequência, as minhas experiências sexuais com rapazes da minha idade eram limitadas. Mesmo antes da adolescência, contudo, comecei a sentir uma urgência interior que assinalava os primórdios daquilo que mais tarde se transformaria num apetite sexual considerável. Tocar violino parecia intensificar os meus sentidos. Era como se as distrações se desvanecessem no som e tudo o resto desaparecesse na margem da minha perceção, deixando apenas as sensações do meu corpo. Ao entrar na adolescência, comecei a associar esta sensação com a excitação. Perguntava-me porque me excitaria com tanta facilidade e porque seria que a música exercia em mim um efeito tão potente. Sempre receei ter um desejo sexual anormalmente intenso.

Mr. van der Vliet tratava-me como se eu fosse um instrumento e não uma pessoa. Posicionava-me os braços corretamente ou encostava uma mão às minhas costas para me endireitar a coluna, como se eu fosse feita de madeira e não de carne e osso. Parecia estar completamente alheio ao seu toque, como se eu fosse uma extensão do seu próprio corpo. Nunca teve uma atitude que não fosse absolutamente casta mas, não obstante, e apesar da idade que tinha, do seu cheiro ligeiramente acre e do seu rosto ossudo, comecei a sentir algo por ele. Ele era invulgarmente alto, mais alto do que o meu pai, teria quase dois metros, e parecia um gigante ao pé de mim. Quando parei de crescer, eu não media mais de um metro e sessenta e cinco. Aos 13 anos, a minha cabeça mal lhe chegava ao peito.

Comecei a ansiar pelas lições por motivos que não se limitavam ao prazer de aperfeiçoar a minha técnica. De vez em quando enganava-me de propósito numa nota ou fazia um movimento errado com o pulso, na esperança de que ele me tocasse na mão para me corrigir.

– Summer – disse-me certo dia, num tom delicado –, se continuares a fazer isso deixarei de te ensinar.

Não voltei a tocar uma nota em falso.

Até àquela noite, umas horas antes de eu e o Darren termos discutido por causa de *As Quatro Estações*.